

BAD RESILIENCE

Há uma forte distinção aqui. Existe uma diferença ao entrevistar um músico e um ser que além de um grande multi-instrumentista, é também um grande produtor e profissional de estúdio, com grande conhecimento em produção sonora em todas as suas ramificações. Rodrigo Chenta, uma figura conhecida e também bastante presente na cena tanto em profundidade como no tempo, decidiu dar vida ao seu projeto principal, Bad Resilience. Todo o material é produzido sob sua supervisão e experiência, e isto faz com que o Bad Resilience se torne especial. Conversamos com Rodrigo; e o bate papo-tomou um rumo mais técnico possível.

Saudações Rodrigo! Primeiro nos diga, quem é o Bad Resilience e o que espera conseguir com o projeto?

Rodrigo Chenta: Saudações! O Bad Resilience é um projeto musical que trabalha nas estéticas extremas do Rock, especificamente no Grindcore, Noisecore e Deathgrind. As letras são "cantadas", tanto em inglês, como espanhol e baseadas em relatos bíblicos e assuntos bastante resumidos da teologia. De uma forma geral, a música, em seu sentido mais amplo, tem diversas funções como política, pedagógica, religiosa, estética, comercial, terapêutica, etc. Como tal, promove o pensamento crítico, socialização, afetividade, criatividade, auto disciplina, consciência estética e rítmica e muitas outras coisas boas. O grande pensador Umberto Eco, disse no livro "Os limites da Interpretação" sobre a intenção do autor, intenção da obra e a intenção do leitor (em nosso caso, ouvinte). A partir do momento que fazemos uma obra artística, parece não importar tanto o que o autor pensa e sim o que a própria obra, de fato, diz. E claro, devemos ter o cuidado com nossas próprias intenções, pois seguindo uma linha mais para alguns autores russos, devemos tomar cuidado com as pessoas,

pois elas de tempos em tempos, mudam o sentido das coisas. Aplicando estas elucubrações para o que eu espero conseguir com este projeto, almejo que ele traga alegria e fruição estética para quem o escute. Desejo que o conteúdo das letras aproxime o apreciador musical dos pensamentos ali contidos.

Você mesmo disse: "... devemos tomar cuidado com as pessoas, pois elas de tempos em tempos, mudam o sentido das coisas". O autor italiano Umberto Eco também disse: "Justificar tragédias como 'vontade divina' tira de nós a responsabilidade por nossas escolhas". A frase não tem nada haver com a música, mas é verdade que as pessoas ao mudarem o sentido das coisas, podem causar problemas e depois culparem alguém pelos seus próprios erros.

Rodrigo: Naturalmente, as palavras e expressões mudam de sentido. Por exemplo, a Cruz de Pedro ou Cruz Petrina, que significa humildade dentre outras coisas; teve seu sentido modificado nos filmes de Hollywood e romances. Este apóstolo preferiu ser crucificado de ponta cabeça, dizendo que não era digno de morrer igual a Cristo. Há pouco tempo é que mudaram o sentido da cruz invertida, se referindo ao anticristo. Creio que as definições e conceitos evoluem, mas para os assuntos relacionados com a verdade bíblica, o real significado não deveria mudar. O cristianismo, na maioria esmagadora de suas vertentes teológicas e filosóficas, acredita na existência de uma verdade universal baseada na Bíblia. Entendo que o que Deus quer para a humanidade é claro e objetivo. O ser humano é quem deturpa o sentido dos textos nas sagradas escrituras. Daí, existir várias interpretações (intenção do leitor), como por exemplo, amilenismo, pós-milenismo, pré-milenismo histórico e pré-milenismo dispensacional em relação às concepções acerca das últimas coisas no livro de Apocalipse. Não podemos

esquecer que teremos aflições no mundo, seja através de tragédias naturais ou pessoais. Vemos isso em João 16:33. Também devemos ter bom ânimo, pois Jesus venceu o mundo. A teologia da prosperidade, vai na contramão deste texto. Algumas tragédias estão na "vontade permissiva divina". Outras não! Seria falta de bom senso caminhar sempre na ideia de culpar os demais e nos exaurir de tudo.

Falando sobre o nome, qual é a conexão do mesmo com a fé, música e cultura underground?

Rodrigo: A resiliência é boa e traz muitos benefícios para que a tem. Devido às aflições do mundo, a pessoa resiliente enfrenta as coisas de forma mais equilibrada e tranquila. Tem uma excelente capacidade de se adaptar às mudanças. Adversidades acontecem o tempo todo e a pessoa com uma resiliência má, pode ficar ansiosa, deprimida, se isolar, ser inflexível e sofrer de muitos outros prejuízos psicológicos. O nome Bad Resilience diz, implicitamente e de forma bastante humilde, sobre a falta de adaptação das pessoas para uma nova vida. A conexão com a fé cristã protestante vem do conteúdo das letras baseadas na Bíblia e como se trata de música extrema, sempre pertencerá ao underground, em contrapartida ao mainstream, pensamento este que infelizmente domina o mundo. Esta "corrente/fluxo principal" com sua podre indústria cultural, que dita as tendências, sempre baseadas em um capitalismo selvagem, procura ao máximo manter o monopólio das mídias.

Okay, então o nome "má resiliência" seria um chamado ou alerta para que as pessoas reflitam sobre a importância da temperança e equilíbrio e que decidam encarar os problemas da vida com sabedoria e moderação, correto?

Rodrigo: Sim. Ter resiliência não é um comportamento fácil para todas as

pessoas. É um aprendizado para a vida. No entanto, penso que temos que seguir sempre com cautela. Não devemos ser coniventes com o que está errado na política, economia e gestão pública.

Desde que você lançou o álbum *Mutilated Head* no ano passado na versão virtual, qual o balanço da receptividade e aceitação até o momento?

Rodrigo: A receptividade é maior do que eu esperava, por se tratar de uma estética musical tão extrema. Naturalmente, algumas mídias fecharam suas portas, devido ao conteúdo das letras, mas a maioria recebe de bom grado. O brasileiro é um público bastante específico e infelizmente, cheio de mimimi. O pessoal que me contacta de fora do Brasil, parece ser muito mais centrado e preocupado com o conteúdo musical em si. Fico feliz que gente daqui e de várias parte do mundo me contacta para efetuar a compra do download legal do *Mutilated Head*, que acompanha as letras, arte em alta resolução (4k x 4k) da capa do álbum e arquivos em .wave (24 bits 48KHz) e .mp3 (320 Kbps 48 KHz).

***Mutilated Head* existe apenas virtualmente. Para os apreciadores da música física, há alguma chance de acontecer?**

Rodrigo: Um selo de distribuição no leste europeu, quis lançar o álbum *Mutilated Head* em fitas K7. Outro, aqui de São Paulo, quis publicar em CD. Em ambos os casos, eles arcaariam totalmente com os custos e me repassariam uma porcentagem das vendas. Não aceitei em nenhum dos casos, mas no futuro, as coisas podem mudar. Se eu lançasse na mídia física do CD, Vinil ou K7; estaria reduzindo a qualidade do trabalho produzido. Caso optasse por prensar, independentemente de qual fosse a mídia física, seria apenas pelo merchandise e para o projeto circular. A vantagem do arquivo físico de áudio não armazenado em CD é que nas resoluções atuais sempre tem como vantagens muito mais dinâmica. Desde 2013, trabalho com mídia virtual em outros projetos musicais que tenho. São voltados para música instrumental como os duos com o guitarrista Ivan Barasnevicius, com o saxofonista Cássio Ferreira, com o pianista Gilberto Ferri; e outros projetos como o Quadrilátero Trio, o coletivo Beautiful Music Company (BMC), o Schizophonic Music Project e outros mais. O CD físico não é analógico e sim digital. Por questão de limite de capacidade, armazena um álbum completo somente com as resoluções de 16 bits / 44.1 KHz. A mídia armazenada em HDs / Nuvens não tem esse limite. Atualmente o som HiRes mais usado é o de 24 bits / 96KHz ou 192 KHz, mas tem gente que grava com 32 bits há muito tempo. Eu sempre preso pela melhor experiência sonora possível. E não porque trabalho com áudio, mas mesmo antes, já usava bons fones de ouvido,



"Conheci o metal cristão, por volta de 1993, quando ia nos shows em uma Igreja do Evangelho Quadrangular, ao lado do Museo do Ipiranga, em São Paulo. Lá tinha eventos nas quartas-feiras. Era o extinto Refúgio do Rock. Era uma época perigosa aqui em São Paulo, pois tinha muita briga entre punks, carecas e headbangers. Lembro do show do Devilcrusher, que fechou a noite do festival com o repertório de sua maravilhosa demo, chamada *Anomalia*"

pares de monitores de referência, uma sala sem muita reverberação, preocupação com o posicionamento das caixas no ambiente, tudo com o objetivo de uma fruição estética que me proporcionasse uma experiência prazerosa. Acho bastante contraditório uma pessoa gastar energia e dinheiro na compra de música e usar fones de ouvido ou caixas extremamente precárias para escutar a música comprada.

Talvez muitos não saibam, *Mutilated Head* foi elaborado por um grande profissional de estúdio, a nível de engenharia. Pode comentar a respeito? Isto pode ser o fator chave de destaque do projeto?

Rodrigo: Trabalho profissionalmente com música há mais de vinte e cinco anos. Leciono guitarra e violão, além de disciplinas como harmonia, contraponto, história da música, apreciação musical, estruturação, dentre outras. Eu trabalho no Chenta's House Studio com serviços de gravação, restauração de áudio, edição, mixagem, masterização, remasterização e documentações atreladas a todos estes processos. Por tradição, desde seu início nos anos 80, o Grindcore e suas vertentes como o Gore/Splatter, Noisecore, Noise e Hash Noise não se preocupam com a qualidade da produção musical. É um estilo sem melodias convencionais, tanto que tem seu símbolo sendo duas colcheias dentro de um círculo de proibido ou com um grande X. Alguns chamam de anti-música, nome este que apresenta sérios problemas, pois obviamente se trata de música. A expressão anti-música se refere a uma música não construída com melodias convencionais. O Bad Resilience é diferente em um quesito: A qualidade da produção musical. O maior elogio que recebo é de que as pessoas não viam a possibilidade do Grindcore ter um fonograma bem produzido. Penso que o que importa é a música, mas se ela tem definição, escuto claramente os instrumentos, poderei apreciá-la muito mais. O diferencial, a nível técnico, é que neste projeto a premissa e destaque é o caminho na direção da sonoridade extrema e objetivamente clara.

Muitas pessoas quando montam um projeto ou mesmo banda dentro do Heavy Metal ou música extrema, cometem um erro básico que é a harmonia fraca, ou seja, a espinha dorsal da música. E não estamos falando de técnica ou complexidade. Às vezes, em alguns casos, temos que "pisar em ovos", pois no momento de opinar, algumas pessoas não são receptivas a críticas construtivas...

Rodrigo: Leciono a disciplina de harmonia há muitos anos, tanto nas vertentes da harmonia tradicional, como harmonia funcional e popular. Gosto em demasia da Harmonia Musical e também em como destruí-la. Nas músicas do Bad Resilience, usei alguns elementos oriundo de intervalos como segundas menores, trítomos e sétimas maiores para criar tensão, já que se trata de música extrema. Trabalhei também com cromatismos e escalas Dom Dim e Dim Dom em alguns momentos. Gosto destas sonoridades e isso vale para os trechos com Death Metal e alguns com Grindcore. Quando o fragmento vai mais

para o Noise, a ideia de harmonia cai por terra, por causa do estilo em si. Sobre as críticas, sou uma pessoa bastante observadora e dou minha opinião preferencialmente quando solicitada ou quando estou em um ambiente com pessoas de um círculo mais íntimo. Na pós-graduação, na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Música, aprendi com a famosa organista Dorotéia Kerr, a ter "pele de jacaré". Na época, fiquei feliz, pois entendi que quase sempre a tive. Claro que ninguém gosta de críticas infundadas, mas se elas são construtivas e com embasamento, tenho mais é que agradecer quem a fez, pois me ajudará a melhorar.

Como professor de música e produtor de mão cheia, você pode nos dizer de uma forma geral sobre a qualidade musical da cena cristã no Brasil? Musicalmente ela tem mais lhe agradado? Ou lhe preocupa?

Rodrigo: No Brasil, a maioria das bandas é amadora e me preocupa serem adeptas do detestável autor John Miguels, já que a miguelagem é quase que geral. Existem muitos fatores que colaboram para isso, como a falta de conhecimento musical, referência, técnica composicional, investimento financeiro, tempo; já que a maioria não vive profissionalmente de música e necessita trabalhar em outras áreas. Não é difícil enumerar outros motivos. O ideal seria que os músicos das bandas tivessem acesso a estudos de disciplinas como harmonia, contraponto, estruturação, arranjo, rítmica, percepção, história da música, estética, composição, improvisação, orquestração, prática de banda, produção musical, etc. Com exceção das bandas nas estéticas do Grindcore e suas sob/subvertentes (Punk, HC, etc.) e o Black Metal, de origem na primeira escola (Raw) da Noruega, que por natureza possuem licença poética para a sua sonoridade e produção toscas e amadoras; os demais estilos não têm muitas desculpas. Para que tudo seja feito com ordem e decência, é necessário estudo e conhecimento. Seguem dois exemplos de publicações de bandas totalmente cristãs ou em parte, e que para mim, são referências em produção musical: Fleshkiller (Awaken, 2017) e Extol (Extol, 2014).

Provavelmente muitos não sabem, mas você é uma figura bastante atuante e inserida na cena da música pesada cristã, deste a época do Refúgio do Rock, ao ponto de sua foto estar no primeiro vinil/coletânea Refúgio do Rock, lançada em 1995.

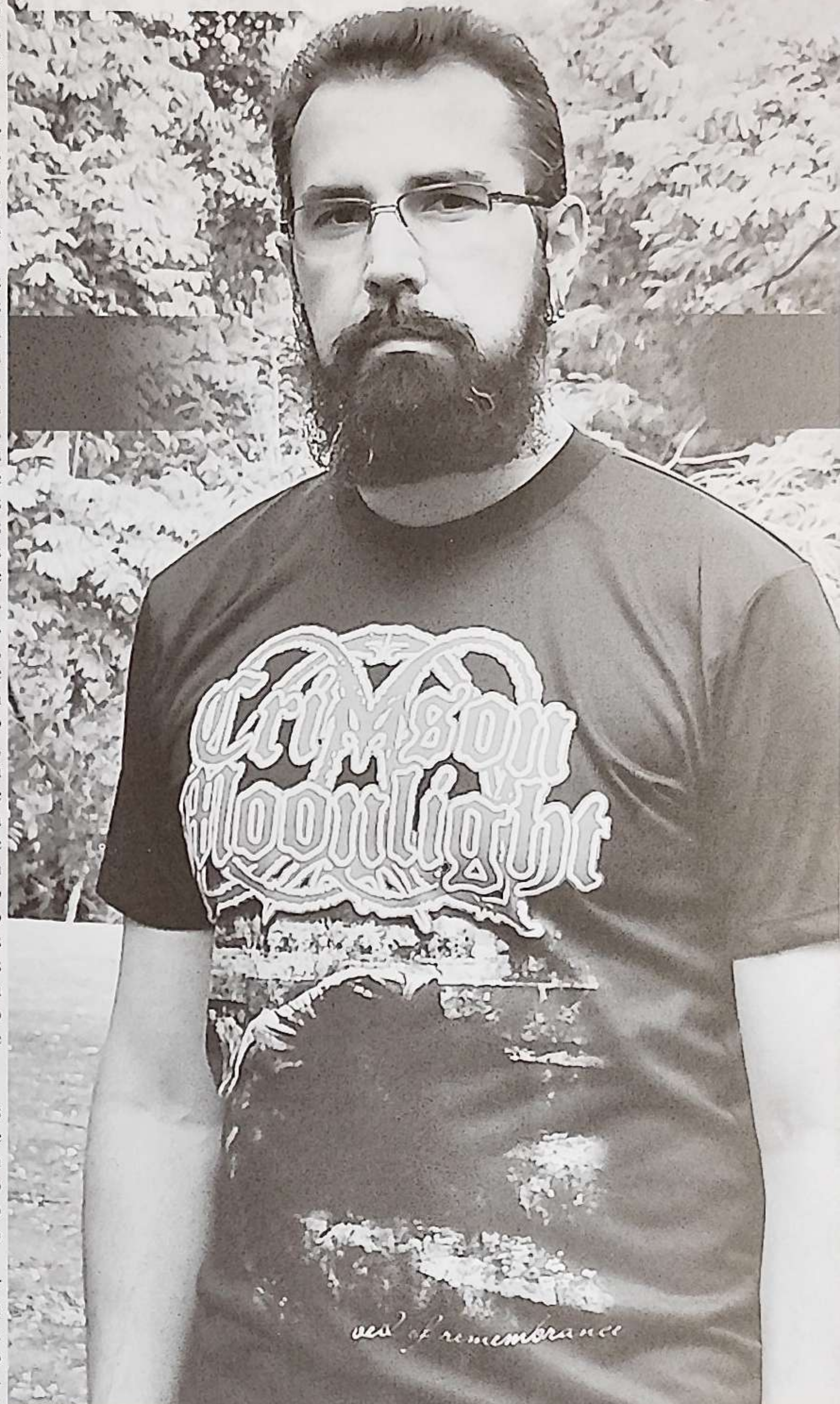
Rodrigo: Eu conheci o metal cristão, por volta de 1993, quando ia nos shows em uma Igreja do Evangelho Quadrangular, ao lado do Museu do Ipiranga, em São Paulo. Lá tinha eventos nas quartas-feiras. Era o extinto Refúgio do Rock. Era uma época perigosa aqui em São Paulo, pois tinha muita briga entre punks, carecas e headbangers. Lembro do show do Devilcrusher, que fechou a noite do festival com o repertório de sua maravilhosa demo, chamada "Anomalia". Tocaram com a cara pintada, com exceção do baterista. Foi a primeira banda cristã brasileira a usar pinturas faciais, inclusive, antes do próprio Antestor da Noruega. Fiquei feliz em sair na impressão deste disco de vinyl

no mosh pit. Também lembro do show do Tourniquet em novembro de 1995. Naquela época o Bride e Whitecross tocavam o tempo todo aqui trazidos pela Igreja Renascer em Cristo, tanto em sua antiga sede como em eventos como SOS da Vida. Pena que muita banda daquela época acabou.

Obrigado pelas suas palavras e tempo! As considerações finais são suas! Valeu!

Rodrigo: Agradeço de coração pela

oportunidade de mostrar um pouco do meu trabalho. Para os interessados em adquirirem camisetas e o download legal dos arquivos dos singles e álbuns do Bad Resilience, procurem nas redes sociais ou no site oficial do projeto. Para aulas, tanto de instrumento como de outras disciplinas musicais e serviços de estúdio, como mixagem e masterização, me procurem também, pois as portas estão abertas. Vida longa à revista Extreme Brutal Death!



Instagram Facebook YouTube bandcamp @badresilience

www.badresilience.com
contact@badresilience.com
+55 11 98440-9785